

# **SOCIOLOGIA**

## **Proposta Curricular**

**(Ensino Médio)**

**AUTORES**

Antônio Augusto Pereira Prates

Geraldo Élvio Magalhães

Regina Maria Dias Carneiro ( Coordenadora)

Renan Springer de Freitas

**Governador**

Aécio Neves da Cunha

**Vice- Governador**

Antônio Augusto Junho Anastasia

**Secretária de Estado de Educação**

Vanessa Guimarães Pinto

**Chefe de Gabinete**

Felipe Estábile Moraes

**Subsecretária de Informações e Tecnologias Educacionais**

Sônia Andère Cruz

**Subsecretária de Desenvolvimento da Educação Básica**

Raquel Elizabete de Souza Santos

**Superintendente de Ensino Médio e Profissional**

Joaquim Antônio Gonçalves

## **SUMÁRIO**

### **Ensino Médio**

- 1-Introdução**
- 2-Aspectos Básicos da Proposta**
- 3-Proposta de Conteúdo Básico Comum**
- 4-Eixo Temático I**
- 5- Eixo Temático II**
- 6- Eixo Temático III**

### **Bibliografia**

## **APRESENTAÇÃO**

(João Filocre)

# ENSINO MÉDIO

## I – Introdução

Os principais objetivos deste documento são: primeiro, a apresentação e definição de temas e tópicos considerados fundamentais para o ensino da disciplina Sociologia na educação de nível médio e, segundo, sugerir uma “estratégia” para tal ensino, enfrentando um problema de dupla face, o de não cair na excessiva simplificação ou no equívoco pedagógico de querer formar o “cidadão crítico” através da disciplina sociológica e, de outra parte, o de não reproduzir a orientação “academicista” peculiar à maioria dos Cursos de Sociologia no terceiro grau. Trata-se de uma tarefa nova para a área da Sociologia em nosso país mas que, embora difícil, já conta com algumas experiências esparsas e com textos que servem de referência para o nosso empreendimento.<sup>1</sup> Os princípios gerais esboçados nos documentos nacionais, especialmente nos **Parâmetros Curriculares Nacionais** ( parte IV) e nas **Orientações Curriculares Para o Ensino Médio** ( Ciências Humanas e suas Tecnologias; cap. 4) necessitam ser operacionalizados e traduzidos em sugestões que possam favorecer e apoiar o trabalho dos professores.

Estamos dando os primeiros passos para construir, gradativamente, uma cultura pedagógica que se mostre apropriada para a aprendizagem da disciplina sociológica no ensino médio. Ao fazer isso, os professores precisam levar em consideração o caráter interdisciplinar da organização curricular e o papel importante que a Sociologia pode ocupar na interlocução com as outras disciplinas, procurando contribuir de forma integrada tanto para o projeto pedagógico das escolas, quanto para a formação mais ampla dos estudantes.

Este é um documento aberto que deverá ser aperfeiçoado e reformulado, seja pela introdução de novos aspectos ou temas, seja pela discussão contínua de novas abordagens a serem desenvolvidas em sala de aula.

## II – Aspectos básicos da Proposta

---

<sup>1</sup> **Parâmetros Curriculares Nacionais** – PCN- Ensino Médio; Ministério da Educação, Brasília 2002. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Ciências Humanas e suas Tecnologias**; Ministério da Educação, Brasília, 2006. Ver também o site da Fapesp.

Acreditamos que o ensino da Sociologia no nível médio deve estar centrado nas dimensões que definem a perspectiva da análise sociológica frente aos fenômenos sociais e históricos, tendo como suporte a apresentação das doutrinas ou teorias gerais que marcam o campo disciplinar da Sociologia. Certamente, estes dois aspectos fundamentais para o ensino da sociologia não devem ser compreendidos como caminhos paralelos que nos obrigam a seguir em uma direção ou em outra mas, ao contrário, eles podem e devem combinar-se em vários momentos do processo de ensino.

O primeiro aspecto assenta-se na proposição do necessário distanciamento cognitivo da percepção do senso comum. Isto implica desenvolver uma atitude de “estranheza” frente às práticas da vida cotidiana trazendo, como consequência, a “desnaturalização”<sup>2</sup> das concepções rotineiras de realidades sociais, permitindo que os estudantes possam desenvolver uma nova visão, de natureza sociológica, reconhecendo em nossas idéias comuns sobre a vida social a marca do viés próprio a cada cultura e as condições do tempo histórico em que se situam.

O segundo aspecto é composto de conceitos, teorias e mesmo das doutrinas que alimentam a identidade substantiva da Sociologia vista como disciplina científica. É neste celeiro teórico, especialmente o das teorias dos autores clássicos, que iremos buscar as ferramentas que auxiliam na formação de uma atitude de distanciamento cognitivo em relação ao mundo em que estamos imersos.

Os aspectos acima delineados podem ser expressos de uma outra forma, através da seguinte distinção: há uma grande e significativa diferença entre o que as pessoas, grupos ou governos definem como **problema social** e o que os sociólogos chamam de **problema sociológico**. No primeiro caso, o da definição do problema social, estamos diante da realidade cotidiana do cidadão, do jogo do poder e da luta política e cultural para afirmar interesses, ideologias ou identidades na definição de quais são os problemas sociais dignos de atenção pela sociedade ou pelo governo de uma nação ou nações. No segundo caso, o do problema sociológico, estamos frente a uma elaboração teórica e sistemática envolvendo a utilização de conceitos e a seleção de vários elementos de natureza social que estão presentes, compõem ou produzem os fenômenos sociais. Um curso introdutório de sociologia, como necessariamente será o do ensino médio, deverá contribuir para desenvolver as habilidades cognitivas

---

<sup>2</sup> Estas proposições são bem discutidas nas **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**; Vol. 3, cap.4

requeridas para compreender-se esta distinção. Ela é a chave para o distanciamento crítico do invólucro das percepções rotineiras sobre a vida em sociedade e para a “desnaturalização” do mundo social.

É importante para o ensino da disciplina Sociologia o professor ter também presente a distinção entre o que caracteriza fundamentalmente as Ciências Sociais e o que deve ser atribuído ao campo da engenharia social. De um modo geral, existe a expectativa de que um sociólogo tenha algo a propor para solucionar problemas como a desigualdade social, a criminalidade ou a evasão e repetência escolar, como também se espera dele uma opinião particularmente abalizada a respeito da pertinência de políticas sociais. Tal expectativa não é de todo despropositada, mas não se deve perder de vista o fato de que a tarefa própria ao conhecimento e à investigação da Sociologia não é oferecer soluções para os problemas que nos afligem mas, sim, converter esses problemas em objeto de análise. Assim, antes de se preocupar em ter alguma “solução” para o problema da desigualdade, cabe ao sociólogo indagar sobre sua natureza, suas causas, as razões pelas quais elas diferem de uma sociedade para outra, se políticas sociais têm ou não sido eficazes e por quê. O ensino de sociologia deve, portanto, propiciar ao estudante uma oportunidade para aprender esses aspectos básicos da análise dos fenômenos sociais e do conhecimento sociológico.

As distinções conceituais e as atitudes necessárias ao conhecimento mais objetivo da realidade social até aqui mencionadas têm um efeito pedagógico de extrema importância: desvincular o ensino da sociologia das práticas pedagógicas voltadas para a tentativa de aliciamento político, ideológico ou religioso em nome do conhecimento sociológico.

Certamente, muitos dos problemas sociológicos de uma época serão motivados pela definição dos problemas sociais que afligem a sociedade naquele momento, mas ainda assim o foco da sociologia não será o de solucionar o problema, mas o de transformá-lo em um objeto de estudo sistemático. Ao assim proceder, a sociologia oferece à sociedade – políticos, organizações civis, movimentos sociais, minorias, enfim, aos atores sociais - elementos de melhor compreensão crítica da sua realidade histórica, mas não, diretamente, as soluções para os seus problemas.

É indiscutível que o conhecimento científico estimula a atitude crítica e, por isso mesmo, em boa medida, contribui para o exercício da cidadania nas sociedades

contemporâneas. Seria, entretanto, uma mistificação imaginar que há algo de especial em relação à sociologia que a torna particularmente apta a formar uma “consciência crítica.”

Um efeito particularmente pernicioso dessa mistificação, que infelizmente tem ocorrido em nosso meio, é a imposição de nossas expectativas teóricas sobre a realidade. Certas perspectivas teóricas nos levam a esperar, por exemplo, que, em certas situações, certas categorias profissionais promovam um movimento grevista. Se esta expectativa se frustra, ao invés de revê-la, isto é, ao invés de considerar a possibilidade de haver algo de errado com o esquema teórico utilizado para a análise da situação, alguns são levados a se perguntar sobre o que há de errado com aquela categoria profissional por não se comportar em acordo com suas expectativas.

### **III - Proposta de Conteúdo Básico Comum –CBC.**

- A proposta de CBC aqui apresentada não deve ser entendida como uma estrita programação para o professor desenvolver em sala de aula. Como uma definição de conteúdo básico, a proposta deve ser trabalhada pelo professor ajustando-a às suas condições e às de seus alunos, levando em consideração a realidade da comunidade escolar e de seu meio. Dessa forma, o professor não pode perder de vista que o ensino de sociologia no nível médio não deve ser similar ao que pretende formar profissionais da área de Ciências Sociais. A disciplina de Sociologia, integrante da formação básica dos estudantes, não poderá ser um arremedo daquelas do curso de graduação no ensino superior. Mas, também, não deverá ser uma simples discussão livre de temas e problemas variados desconectados de qualquer referência teórica mais ampla. A análise de conceitos e de algumas das idéias e argumentos básicos dos autores clássicos, como também de outros cientistas sociais, devem ocorrer vinculados ao desenvolvimento dos temas e tópicos do programa em relação com os problemas deles derivados.
- Os temas complementares indicados na proposta, anotados paralelamente aos tópicos centrais do CBC, são sugestões de possíveis desenvolvimentos e ampliações para o estudo e a discussão em sala de aula. Tais sugestões, entretanto, deverão ser consideradas e ordenadas de acordo com o

planejamento de cada professor, o interesse dos seus alunos e o projeto da escola.

- Além dos livros didáticos já disponíveis para auxiliar e orientar o trabalho em sala de aula, os recursos didáticos ainda precisam ser, em grande parte, imaginados e produzidos pelos próprios professores junto com seus alunos. São recursos que podem ser explorados de maneira eficaz pelo professor: promover atividades de observação e de investigação mais simples que permitam aos estudantes exercitar habilidades próprias da análise sociológica; desenvolver competências associadas à capacidade de identificar diferenças e semelhanças em aspectos da realidade social; treinar a leitura de dados estatísticos e a interpretação de fenômenos sociais e culturais em sala de aula.
- Ao planejar sua disciplina é fundamental que o professor tenha consciência que a forma de apresentar e de desenvolver os conteúdos programados está relacionada com o êxito na aprendizagem e na compreensão desses conteúdos por parte dos estudantes. A maneira de ensinar, em grande parte, pode revelar ao estudante a importância que o conteúdo trabalhado possui para a sua formação. Isto implica familiarizar o estudante, gradativamente, com a visão e procedimentos próprios da disciplina. O professor deve, portanto, considerar, ao planejar o seu trabalho, quais os caminhos pedagógicos que podem facilitar para os alunos a compreensão do objeto, das especificidades e da forma de conhecer de sua disciplina. Caberá ainda a cada professor organizar os conteúdos e a sequência dos eixos temáticos da maneira que melhor se ajustarem e se integrarem à sua programação de ensino

#### IV - Eixo Temático 1: A Sociologia como Disciplina Científica Autônoma: Conhecendo nosso Mundo Social

Este eixo apresenta e sugere o desenvolvimento de um tema geral que se desdobra em duas dimensões: ele é inicial na medida em que possui um caráter

introdutório ao estudo das Ciências Sociais e, ao mesmo tempo, ele deve estar de alguma forma presente no tratamento a ser dispensado a todos os outros temas que integram a disciplina. O objetivo principal é propiciar aos alunos, de forma apropriada e simples, um primeiro contato com o modo de “olhar” a vida em sociedade que é característico do campo de conhecimento da Sociologia.

É importante que se desenvolva desde o início da aprendizagem a perspectiva própria que confere uma identidade específica aos estudos sociológicos e às ciências sociais de um modo geral. O estudo da sociologia possibilita que nos libertemos, em parte, da percepção cotidiana, muitas vezes ingênua, do mundo que nos cerca, ampliando nossa visão de uma forma sistemática, baseada em instrumentos próprios de análise. Isso requer o desenvolvimento e cultivo de um modo de pensar a que o grande sociólogo americano C. Wright Mills chamou de “imaginação sociológica”, o que envolve ter consciência das ligações que existem entre a vida pessoal e as estruturas que organizam e dão forma à vida social. Mills chama nossa atenção para o desenvolvimento necessário de certas habilidades que nos permitam perceber e “sentir o jogo que se processa entre os homens e a sociedade, a biografia e a história, o eu e o mundo”. Para que isso ocorra é preciso que ultrapassemos a visão rotineira do nosso cotidiano, as percepções do senso comum, procurando desenvolver a habilidade de observar o que acontece na sociedade de uma maneira diversa, com um certo distanciamento do envolvimento natural a que estamos acostumados em nossas relações sociais. Essa outra e nova maneira de olhar nosso ambiente social significa buscar maior objetividade, em contraposição a uma visão mais subjetiva, implicando uma atitude de estranheza em relação às práticas do dia-a-dia

Podemos ilustrar o ganho que adquirimos em nossa compreensão da vida social quando adotamos uma maneira de ver e observar diferenciada daquela de nossa rotina, tomando como exemplo os vários aspectos envolvidos no simples e corriqueiro ato de tomar uma xícara de café. Esse exemplo, dado por A. Giddens em seu livro **Sociologia**, permite-nos considerar desde o valor simbólico que tal ato possui como um primeiro passo essencial para começar o dia, como um ritual social diário em companhia de outras pessoas, quando o cafézinho é mais um motivo para “bater um papo” e interagir socialmente, até a “complicada trama de relacionamentos sociais e econômicos que se estendem pelo mundo”. São vários os aspectos que podem ser observados e analisados a partir de um hábito simples como o de beber uma xícara de

café mas que está conectado a processos sociais complexos na produção e comercialização até as suas formas de consumo final. A partir desse exemplo simples já é possível perceber o quanto podemos ser influenciados em nossos hábitos e comportamentos pelo contexto social em que vivemos. Sob esse aspecto podemos nos perguntar: como nossas ações estão relacionadas com a estrutura social, tanto nos níveis micro como macro? Por outro lado, podemos também considerar o quanto estamos livres para determinar nossas ações, apesar dos condicionamentos sociais que nos cercam, e o quanto nossa interação com o meio em que vivemos pode também ocasionar mudanças mais ou menos significativas. É importante ter sempre presente que os seres humanos são autoconscientes e atribuem significado e propósito às suas ações. Por essa razão, as sociedades humanas estão sempre em processo de estruturação e, afinal, é uma tarefa básica da análise sociológica buscar a explicação da produção e recriação contínua da sociedade como resultante das ações humanas.

Como é possível desenvolver essa visão, essa perspectiva própria do conhecimento sociológico? O que torna possível essa compreensão ampliada, essa análise enriquecida e aprofundada sobre as condições sociais de nossas vidas? Saber como podemos conhecer de um ponto de vista sociológico é uma tarefa complexa uma vez que somos seres complexos que procuram integrar percepções pessoais, nossa subjetividade, com visões exteriores mais objetivas do mundo que nos cerca. A busca permanente de maior objetividade em relação à realidade externa a nós, implica um método. Segundo as palavras do filósofo americano Thomas Nagel “objetividade é um método de compreensão”. E, embora não seja possível obtermos uma visão completa de como é o mundo ou de compreendermos na totalidade como as coisas funcionam, é possível avançar sempre na direção de uma visão menos imediatista, menos centrada no ponto de vista das nossas relações pessoais, restrita a um mundo particular ou a uma visão de senso comum.

A transição ou passagem para um ponto de vista menos pessoal e mais objetivo precisa ser constantemente trabalhada ao longo do estudo das Ciências Sociais. Isto requer o emprego de um pensamento teórico, a aquisição de informações e dados que possam ser analisados e interpretados com a confiança de que não nos enganamos, além da avaliação lógica de argumentos que sejam convincentes como explicação para uma questão ou um tema específico que buscamos conhecer mais corretamente. Para tanto, é preciso adotar certos procedimentos metodológicos que permitam controlar tanto a coleta de dados quanto a observação e a análise das informações, tornando mais

eficaz o distanciamento necessário e possibilitando, assim, maior objetividade no processo de investigação das questões em foco.

O que caracteriza o conceito moderno de ciência é a idéia de um corpo teórico, racionalmente construído, articulado a um corpo empírico de dados sistemáticos. Neste sentido, somente a teoria não é suficiente para que seja reconhecida uma ciência e, tão pouco, um conjunto sistemático de dados, sozinho, não pode ser tratado como tal. Se assim fosse, boas teorias racionalizadas sobre Deus ou sobre o Mal poderiam ser descritas como científicas, da mesma forma banco de dados sobre compradores de um Shopping Center ou de freqüentadores de bares em uma determinada cidade, poderiam ser considerados como informações científicas, ambas iniciativas, entretanto, estão completamente fora do âmbito da formulação científica. Para que a articulação entre teoria e dados exista na forma preconizada pela ciência, é necessário que a teoria, composta por um conjunto de conceitos relacionados, explique o comportamento de um conjunto de dados sistematicamente pré-definidos pelos conceitos da teoria. Neste sentido, a ciência é um tipo de conhecimento que articula através de uma linguagem própria, logicamente elaborada, teoria com dados empíricos.

Do ponto de vista estrito das ciências sociais, esta linguagem focaliza aspectos e dimensões analíticas estranhas ao senso-comum. Melhor dizendo, o senso-comum é objeto de análise das ciências sociais. Consideremos, por exemplo, a diferença do tratamento sociológico em relação ao do senso comum, de um fato como “o aborto”. No caso sociológico este fato só tem sentido enquanto construído como um fenômeno social, ou seja, referenciado às suas taxas de ocorrência, aos lugares em que ocorre e aos tipos de pessoas que o realizam, sem se interessar pelos motivos individuais que estão envolvidos ou se essas pessoas estão certas ou erradas ao fazerem um aborto. Ao discutir este fato, a questão central para o senso comum é justamente aquela que levanta os problemas descartados pela análise sociológica: os motivos das pessoas e a avaliação moral do comportamento.

Desde o final do séc. XIX cientistas sociais como E. Durkheim, M. Weber, e no primeiro quartel do séc. XX, G. H. Mead, J. Dewey, R.E.Park, buscaram colocar a sociologia entre as disciplinas científicas e desde então a pluralidade e a controvérsia teórica marcam o processo de desenvolvimento e amadurecimento da sociologia até

os nossos dias. É importante, portanto, ter em mente que o caráter científico do conhecimento não elimina as tensões e diversidades das teorias que co-habitam e disputam entre – si a “melhor” e mais convincente explicação do comportamento, do fenômeno ou objeto que é focalizado pelos cientistas de uma mesma disciplina. A sociologia contemporânea pode ser descrita mais como um mosaico de teorias e métodos do que como um corpo integrado e compacto de conhecimento. Ao mesmo tempo, contudo, encontramos na sociologia atual um enorme volume de pesquisas sobre o mais variado espectro de questões distribuídas por culturas e sociedades diferentes. Estas informações têm possibilitado estudos e análises comparativas que, através de rigorosos procedimentos metodológicos, compõem uma base sólida de conhecimento sobre as diversas formas de cultura e de organização social das sociedades contemporâneas.

Nas últimas décadas do séc. XIX a Economia, a Psicologia, a História e o Direito já haviam se estabelecido como disciplinas do comportamento humano. Havendo já quatro disciplinas bem estabelecidas, desfrutando de grande prestígio, que necessidade, ou que espaço, poderia haver para uma quinta - no caso, a então candidata Sociologia? Este foi o principal desafio que a Sociologia precisou enfrentar para se estabelecer como mais uma disciplina do comportamento humano. Se a Sociologia pretende apresentar-se e manter sua posição como uma disciplina científica, específica e autônoma, ela deve ser capaz de oferecer um conhecimento que nos permita desmistificar concepções equivocadas, embora bem aceitas, quer pelo senso comum, quer por alguma outra disciplina científica. Dois pensadores do séc. XIX se notabilizaram por enfrentar este desafio: Émile Durkheim (1858 - 1917) e Max Weber (1864-1920).

Em seu primeiro livro, *A Divisão do Trabalho Social*, Durkheim procurou desmistificar a concepção, até então bem aceita entre os economistas, de que a divisão do trabalho se explica pelos benefícios individuais que pode trazer. Uma pessoa sozinha não constrói uma casa, mas dez pessoas, se dividirem as tarefas, podem construir dez casas. Então, supunham os economistas, é natural que essas dez pessoas se reúnam, dividam as tarefas, construam as dez casas e, uma vez prontas, cada um terá a sua. Durkheim mostrou o que há de errado com toda esta linha de raciocínio. Ele argumentou que as pessoas não aceitariam dividir tarefas se já não houvesse previamente

uma coesão entre elas; se elas não pudessem de antemão acreditar umas nas outras e, nesse caso, seria necessário explicar como se dá esta prévia coesão. Somente a sociologia, ele argumentou, seria capaz de cumprir uma missão de tal natureza. Posteriormente, em seu livro *O Suicídio*, Durkheim procurou mostrar que as explicações até então oferecidas para este fenômeno eram claramente insatisfatórias. Ele se contrapôs a uma concepção cujo caráter equivocado parecia-lhe óbvio. Estamos nos referindo à concepção de que o suicídio se explica pela trajetória individual de quem se matou. Com efeito, quando tomamos conhecimento de que alguém se matou ocorre-nos imediatamente atribuir a causa deste suicídio a fatores como distúrbio mental, decepção amorosa, problema financeiro insolúvel ou, mesmo, imitação – o jornal noticiou um suicídio espetacular e outras pessoas seguiram “a onda”. Durkheim procurou mostrar que tudo isto pode explicar o suicídio apenas de forma bastante superficial. A chave para a explicação do suicídio, ele argumentou, está na natureza das sociedades em que as pessoas vivem e não na biografia dessas mesmas pessoas.

Max Weber não foi menos ousado que Durkheim em seu esforço de mostrar que a sociologia, e somente ela, seria capaz de desmistificar concepções até então bem aceitas. Weber enfrentou o desafio de explicar em termos sociológicos a emergência do capitalismo moderno. Isto envolveu distinguir “tipos “ de capitalismo de modo a mostrar o caráter único do capitalismo que se desenvolveu a partir do século XVII no Ocidente. Quantas vezes já ouvimos que o capitalismo moderno é um sistema cuja característica fundamental é a busca irrefreada pelo lucro? Pois foi justamente contra esta concepção que Weber se colocou: a busca pelo lucro a qualquer preço, Weber argumentou, é algo que existiu em todas as épocas e em todos os lugares, nada há de particularmente “capitalista” neste padrão de comportamento. O capitalismo moderno, ao contrário, representou justamente uma moderação desta busca. Estamos, obviamente, nos referindo ao argumento central de Weber em seu *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* e o aluno poderia ser exposto a este argumento como, também, à pesquisa empírica através da qual Weber procurou corroborar sua tese (a comparação entre o comportamento de católicos e protestantes empregados na indústria). O aluno deve ser convidado a refletir sobre as razões que levaram Weber a fazer tal comparação (mostrar a afinidade

entre o protestantismo e a mentalidade peculiar ao capitalismo moderno). Esta seria um boa maneira de fazer o estudante perceber em que consiste um trabalho sociológico.

A temática deste eixo introdutório deve ser vista como apresentação de um quadro geral para a discussão dos fundamentos da sociologia como disciplina científica autônoma. Trata-se, em linhas gerais, de considerar as razões que justificam o enfoque e os procedimentos peculiares à análise sociológica.

É importante salientar, contudo, que a discussão dos tópicos abaixo relacionados não implica o tratamento direto das obras dos autores clássicos. Fatos do dia-a-dia, próximos ao contexto social da escola e da comunidade, poderão servir como referência para esta discussão. A focalização, por exemplo, nos estilos de vida ou características sócio-econômicas da comunidade escolar, poderá produzir um bom material para ser tratado pelo professor buscando diferenciar as concepções de senso-comum das peculiares à análise sociológica, política ou antropológica do material levantado. A estratégia para trazer as questões levantadas pelos clássicos, especialmente por Durkheim e Weber, dependerá das circunstâncias e do contexto escolar, dentro e fora da sala de aula.

Tópicos	Habilidades Básicas	Temas Complementares
<p>1. A desnaturalização das definições de realidade implicadas pelo senso-comum.</p> <p>2. Senso-comum e conhecimento sociológico (por exemplo: a abordagem sociológica do suicídio em Durkheim e/ou a análise de Weber sobre as principais características da reforma protestante relacionadas ao “espírito do capitalismo”)</p>	<p>1. Identificar os princípios que tornam uma abordagem sociológica diferente de uma abordagem de senso-comum .</p> <p>2. Compreender a diferença entre as categorias sociais utilizadas na convivência do dia-a-dia e aquelas desenvolvidas a partir de uma atitude mais objetiva, distanciada do contexto em que vivemos.</p>	<p>1. O argumento durkheimiano sobre o caráter social da divisão do trabalho e sobre as bases pré-contratuais do contrato, como forma de contrapor um argumento sociológico a uma abordagem econômica.</p> <p>2. O argumento desenvolvido por Luckmann e P. Berger, a partir da fenomenologia de A. Shutz, sobre a construção do mundo social.</p> <p>3. O argumento weberiano sobre as características do capitalismo moderno.</p>

## V - Eixo Temático 2: Análise Sociológica do Mundo Moderno: a Sociedade em que Vivemos.

Se os clássicos da disciplina enfrentaram, por um lado, o desafio de abrir espaço para uma nova disciplina entre disciplinas do comportamento humano já existentes e bem estabelecidas, por outro, enfrentaram também, enquanto sociólogos, o desafio de compreender o mundo em que viviam. Era um mundo de grandes e rápidas transformações sociais, as quais colocavam na ordem do dia temas como desigualdade, mobilidade e controle social. As concepções de ordem social fundadas na “Velha Sociedade”, as idéias de ordem divina, e de posição fixa na hierarquia estamental, já não eram capazes de explicar o que estava ocorrendo com a sociedade européia e americana no final do séc. XVIII e no decorrer do séc. XIX.

Os fenômenos relacionados às novas formas de trabalho coletivo, a fábrica, a concentração populacional nas cidades, a emergência de mercados nacionais e a ausência de um estado político inclusivo, moldavam um cenário de desordem e violência tão bem descrito por historiadores como Eric Hobsbawm e George Rudé. É este cenário que os clássicos aceitaram como desafio para a explicação sociológica. Assim, Weber notabilizou-se por desencadear esta discussão em seu “Classe, Estamento e Partido.” Mas Durkheim e Weber não foram, evidentemente, os primeiros a se ocupar das transformações que abalaram as estruturas estamentais. Já em meados do séc. XIX, o filósofo e economista alemão Karl Marx (1818-1883) propôs que a marca registrada do mundo moderno era o advento de um modo de produção que, em contraste com todos os precedentes, não podia admitir qualquer laço social que não fosse o de natureza econômica. Devemos lembrar que no *Manifesto Comunista* de 1848 Marx já afirmara que, no sistema capitalista, o único laço que liga as pessoas é o frio cálculo instrumental. Até mesmo as relações familiares, Marx argumentou, resumem-se a relações financeiras. Weber, posteriormente, manifestou-se sobre esta concepção afirmando que o traço distintivo do sistema capitalista moderno não é seu caráter de classe mas, sim, o caráter racionalizado da empresa moderna. Aquilo que Marx via como um traço essencial do mundo moderno - o trabalhador inteiramente separado dos meios de produção - Weber via como um sintoma de um processo mais abrangente: o de racionalização nas diferentes esferas da vida. Tratar da análise das principais características da sociedade moderna implica expor os estudantes a esta discussão.

Para trabalhar este eixo é importante ter em mente o argumento do *Manifesto Comunista*, de que o advento do capitalismo significou uma ruptura radical com toda ordem precedente. Apesar de seu caráter panfletário, o *Manifesto Comunista* é visto como um documento que pioneiramente descreve as características da modernidade, que podem ser resumidas na frase “tudo que é sólido desmancha no ar”. Este argumento tem vários pontos de interface com o argumento weberiano de que a emergência do capitalismo implica o advento de uma economia de larga escala, sem fronteiras nacionais, a qual requer uma administração de molde racional, em contraste com administrações de caráter tradicional (feudal ou patrimonialista), própria de economias de subsistência ou de alcance reduzido. A idéia de uma sociedade moderna desprovida de “sentido” ou de “espírito”, característica, também, da abordagem weberiana, aproxima, ainda que por razões distintas, as imagens de modernidade de Marx e Weber. Da mesma forma, o argumento durkheimiano de que o antagonismo entre classes na sociedade moderna era fruto de um sistema “forçado” de divisão do trabalho, projeta uma imagem pessimista da modernidade, onde o individualismo e o egoísmo predominavam sobre a solidariedade e a integração social.

Toda esta discussão sobre modernidade deve ser o pano-de-fundo para uma reflexão sobre o Tradicional e o Moderno na sociedade brasileira: os contrastes entre a sociedade urbana e rural, entre os estilos de vida cosmopolita e local, entre estilos de política partidário-ideológico corporativa-clientelista e, enfim, como convivem o “velho” e o “novo” na sociedade brasileira. Da mesma forma, é importante discutir as questões relacionadas à participação civil em movimentos sociais, ONGs, sindicatos e associações comunitárias. Tal discussão deve considerar os principais aspectos que envolvem tanto a dimensão de solidariedade, presente nas várias formas de participação social e política, quanto as questões relacionadas ao dilema da ação coletiva, o chamado “problema do carona”. Com efeito, a noção marxista de que nenhum laço liga os indivíduos na sociedade capitalista além do auto-interesse encerra outro problema crucial: o da ação coletiva. Na segunda metade do séc. XX o economista Mancur Olson dirigiu ao marxismo a crítica de que por mais precária que seja a situação que os membros da classe operária compartilhem, esta não se apresenta como uma razão suficiente para que os mesmos se reúnam para lutar por seus direitos porque, no caso de haver uma ação de caráter coletivo, é sempre possível ser beneficiado sem tomar parte dela. Quando, por exemplo, há uma greve bem sucedida por melhores salários, o trabalhador que não aderiu ao movimento tem o mesmo aumento de salário que aquele

que aderiu. Se é assim, raciocinou Olson, por que o trabalhador participaria do movimento? Não seria mais fácil tornar-se um “carona” – isto é, ser beneficiado sem participar do movimento que deu origem ao benefício? O “problema do carona” vem desde então sendo amplamente debatido na literatura sociológica e se aplica a toda sorte de situação em que as pessoas são chamadas a participar em empreendimentos coletivos para a produção de bens em relação aos quais, independentemente da participação, receberão seu quinhão, pois estes bens coletivos não são passíveis de divisão de acordo com o investimento pessoal na sua produção. Exemplos típicos, além do já mencionado, são: um melhor equilíbrio ecológico, a melhoria urbana ou a melhoria da qualidade de vida.

Tópicos	Habilidades básicas	Temas complementares
1. Tipos de sociedade: as sociedades tradicionais e a sociedade moderna: características básicas.	1. Identificar os elementos de contraste entre sociedades tradicionais e modernas, tendo como referência maior os contrastes na realidade brasileira entre a sociedade rural e a moderna sociedade urbano-industrial.	1. O argumento weberiano de que há três modos possíveis de dominação: o racional, o tradicional e o carismático. 2. O argumento weberiano de que no mundo moderno o modo racional universalizou-se, em razão de ser o único capaz de se ajustar à economia de grande escala. 3. A análise de Sérgio Buarque de Holanda, em <i>Raízes do Brasil</i> , a respeito da relação entre dominação tradicional e dominação racional no Brasil; a apropriação privada da esfera pública no Brasil; nepotismo na atualidade brasileira.
2. As grandes mudanças do período moderno e as conseqüências para a vida social: a industrialização, a urbanização, as classes sociais, grupos étnicos e a desigualdade.	1. Relacionar a industrialização e urbanização aceleradas no Brasil: os problemas do desemprego, dos transportes públicos, das desigualdades na ocupação do solo e da habitação. 2. Analisar e interpretar tabelas de dados simples referentes às desigualdades sociais no Brasil.	1. Crescimento populacional e industrial e a problemática do meio-ambiente. 2. Pobreza, exclusão e mercado de trabalho. 3. A questão do emprego para o jovem no Brasil de hoje. 4. A distinção entre os argumentos marxista e weberiano a respeito das classes sociais na sociedade moderna. 5. Sociedade da informação e globalização.
3. Valores, normas e a diversidade cultural; identidades grupais e sociais; diferenças e tolerância.	1 – Identificar focos e bases de identidade que mobilizam pessoas e grupos dentro da sociedade. (gênero, faixa-etária, raça, classe, grupos étnicos, etc.)	1.A diversidade familiar no Brasil: novas formas de família. ( Os pais solteiros, união civil homosexual) 2 A diversidade religiosa na atualidade brasileira.
4. Estado de Direito e a democracia moderna: cidadania, direitos e deveres; eleições e partidos políticos. Participação e representação (os problemas da “ação coletiva”: solidariedade e interesse).	1 – Identificar as tensões entre os direitos e os deveres da cidadania. 2 – Distinguir um sistema político representativo de um autoritário 3 – Identificar situações nas quais se aplica a “lógica do caroneiro”.	1. Corporativismo e liberalismo na política brasileira 2. O velho e o Novo Sindicalismo no Brasil: a questão da participação e da representatividade 3. Os novos movimentos sociais em busca de identidade.

### **VI - Eixo Temático 3: A abordagem sociológica de questões sociais no Brasil contemporâneo**

Análises e discussões próprias ao pensamento sociológico devem ser desenvolvidas visando ao melhor entendimento da sociedade brasileira. Tratar de temas importantes e de grande interesse para o nosso país contribuirá, também, para que os estudantes percebam com clareza o contraste e as diferenças entre a abordagem sociológica das questões em foco e as visões do senso-comum.

Dentre várias possibilidades, quatro temas podem ser privilegiados: raça, gênero, criminalidade e sub-culturas juvenis. Em relação ao primeiro tema, os estudantes podem ser expostos à discussão a respeito dos efeitos da raça sobre a estratificação social e da relação entre raça e mobilidade social. Sobre o tema gênero, um dos aspectos relevantes diz respeito aos efeitos que a condição do gênero possui sobre o diferencial de salários no mercado de trabalho. No mundo contemporâneo, desde a emergência do movimento feminista na década de 60 do século passado, a questão da discriminação da mulher na sociedade em geral e no mercado de trabalho em particular vem adquirindo centralidade na agenda social e política dos países modernos e industrializados. Esta discriminação manifesta-se, no mundo do trabalho, pelo baixo acesso das mulheres aos postos de trabalho com mais alto prestígio e pelo diferencial mais baixo de salário quando ocupando os mesmos postos de trabalho que os homens. Há inúmeros estudos sobre o tema realizados por especialistas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA - e disponíveis no site desta instituição.

O tema da criminalidade é uma questão da segurança pública e constitui um dos maiores problemas atuais de nossa sociedade. Encontra-se, com frequência, opiniões exasperadas a respeito, tanto sobre suas causas, como sobre soluções imaginadas para o problema. A abordagem sociológica sobre a criminalidade tem procurado evitar duas posições extremas, a reducionista atribuindo à criminalidade causas exclusivamente econômicas, relacionando-a com a pobreza e sugerindo, assim, que apenas a redução ou a extinção da pobreza eliminaria a criminalidade, e a moralista, atribuindo à criminalidade a ausência de valores morais que refreiem as atitudes desviantes.

Finalmente, a temática da cultura juvenil constitui no mundo atual uma questão privilegiada nas agendas das agências internacionais voltadas para a educação e o

fomento cultural. De um lado, este tema remete diretamente às novas formas de expressão e de identidade de grupos juvenis denominados de “tribos”, “galeras”, o “hip-hop”, o movimento “punk”, ou o “funk” etc. Por outro lado, este tema está relacionado à discussão da inclusão ou integração multicultural nas sociedades contemporâneas.

Nessa perspectiva, as diferenças de identidades e estilos de vida devem ser tomadas como objeto de exame em si mesmas e, não, como manifestações de um padrão mais abrangente de desigualdade social – o Hip Hop, por exemplo, não se resume a uma “manifestação cultural” de grupos de classe baixa ou de periferias urbanas.

Tópicos	Habilidades básicas	Temas complementares
1. Raça e seus efeitos sobre desigualdade e discriminação racial no Brasil; Raça e mobilidade social.	<p><b>1. Identificar os processos de preconceito e discriminação racial no Brasil</b></p> <p>2. Ler e analisar tabelas simples sobre dados de mobilidade e estratificação social no Brasil</p>	<p>1. A constituição multi-racial da sociedade brasileira. (A concepção de Gilberto Freyre)</p> <p>2. A questão da discriminação de minorias na sociedade brasileira: índios, gays, idosos.</p>
2. Gênero como fator de desigualdade de oportunidades	1. Distinguir entre os efeitos de gênero de outros fatores que afetam diferenças ocupacionais e salariais no Brasil.	<p>1. Desigualdade e discriminação da mulher na cultura brasileira.</p> <p>2. Os movimentos feministas.</p> <p><b>3. Homossexualidade masculina e feminina.</b></p> <p>4. O jovem, a jovem e a gravidez na adolescência</p>
3. Delinquência e criminalidade	Diferenciar entre explicações sociológicas e as de senso comum sobre as taxas de criminalidade	<p>1. As gangues, o tráfico e a criminalidade violenta.</p> <p>2. O crime organizado</p> <p>3. Drogas: o mercado das drogas e sua relação com a violência; as consequências sociais do uso de drogas lícitas e ilícitas; a política de redução de danos.</p>
4. As manifestações culturais e políticas dos jovens nas assimetrias do espaço urbano brasileiro	Identificar as novas formas de identidade e expressão dos jovens nas tribos, galeras, etc. - através da música, estética e estilos de vida.	<p>1 – sociabilidade no ciber-espaço,</p> <p>2 – a mídia e as comunicações de massa</p>

## Bibliografia

DURKHEIM, É. *As Regras do Método Sociológico*, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1990.

\_\_\_\_\_, *O Suicídio*, Rio:Zahar, 1982.

\_\_\_\_\_, *A Divisão do Trabalho Social*, Lisboa:Editorial Presença, s.d., 2 Volumes.

GIDDENS, A., *Capitalismo e Moderna Teoria Social*, Lisboa:Editorial Presença, 1990.

MARX, K. "Manifesto do Partido Comunista", em *Textos*, vol. 3, São Paulo:Edições Sociais, 1977.

WEBER, M., *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, São Paulo:Livraria Pioneira Editora, 1981

CARDOSO , F.H, e LAMOUNIER, B. (1975), *Os Partidos e as Eleições no Brasil*, RJ: Paz e Terra.

LEFF, N. (1977) *Política Econômica e Desenvolvimento no Brasil*, SP: Ed. Perspectiva.

CINTRA, A. O. ( 1974), "A Política Tradicional Brasileira: uma interpretação das relações entre centro e a perifeira. In BALAN, J, (ed), *Centro e Periferia no Desenvolvimento Brasileiro* , SP: DIFEL.

BOBBIO, N. ( 1987), *Estado, Governo, Sociedade: para uma teoria geral da política*, SP: Paz e Terra.

EISENBERG, José e POGREBINSCHI, Thamy. (2002). *Onde está a Democracia?* Belo Horizonte, Editora da UFMG.

SCHWARTZMAN, S. (1982), *As Bases do Autoritarismo Brasileiro*, RJ: Ed. Campus

CARVALHO, José Murilo. (2001). *Cidadania no Brasil. O longo caminho*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

FILHO, G.A., (1987), “ As raízes de `Raízes do Brasil`”, *Novos estudos Cebrap*, No. 18, setembro.

ALENCASTRO, L.F. (1987), “A pré-revolução de 30”, *Novos estudos Cebrap*, no. 18, set.

CASTRO SANTOS, L.A., (1987) “ E Pernambuco falou para o mundo ” *Novos Estudos Cebrap*, set.

AZEVEDO, S. e PRATES, A.A.P. (1991). “Planejamento Participativo, Movimentos Sociais e Ação Coletiva”, *Ciências Sociais Hoje*, SP: ANPOCS

HASENBALG, C. (2005) *Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil*. UFMG, Belo Horizonte, (Especialmente o capítulo VII: “Mobilidade Social, Desigualdade de Oportunidades e Raça”).

----- e SILVA, N.V. (1988). *Estrutura Social, mobilidade e raça*. Rio de Janeiro, Vértice/IUPERJ.

Soares, S., Beltrão, K., Barbosa, M. L., Ferrão, M. E. (2006), *Mecanismos de Discriminação Racial nas Escolas Brasileira*, IPEA/ Ford Foundation

FREYRE, Gilberto. (1973). *Casa Grande e Senzala*, 16/ed/ Rio de Janeiro, José Olímpio

HENRIQUES, Ricardo. (2001). Desigualdade racial no Brasil: a evolução das condições de vida na década de 90. *Texto para discussão n. 807*. IPEA.

AGUIAR, Neuma. (1994). *Rio de Janeiro Plural: um Guia para Políticas Sociais por Gênero e Raça*. Rio de Janeiro, Rosa dos Ventos.

COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina. (1992). *Uma Questão de Gênero*, Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos.

Simões, L. (2006) “Gênero e Macro- Economia” , in *Desafios* , Edição 7, IPEA/PNUD – [www.desafios.org.br](http://www.desafios.org.br)

Núcleo de Estudos de Gênero – PAGU, (2002) “ Desafios de Equidade” UNICAMP, ( 17-18). [www.unicamp.br/pagu/cadernos17-18.html](http://www.unicamp.br/pagu/cadernos17-18.html)

VIANA, Hermano, *Galeras Cariocas: Territórios de Conflito e Encontros Culturais*. (1997)., Rio de Janeiro, Editora UFRJ.

ALMEIDA, Maria Izabel Mendes de e EUGÊNIO, Fernanda (orgs). (2006). *Culturas Jovens, Novos Mapas do Afeto*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.

ABRAMOVAY, Miriam et al.(2002). *Gangues, Galeras, Chegados e Rappers: Juventude, Violência e Cidadania nas Cidades da Periferia de Brasília.*, Rio de Janeiro, Editora Garamond.

SPOSITO, Marília Pontes, (1994). A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. *Tempo Social*, São Paulo, v. 5, n. 1-2.

ADORNO, Sergio. (1993). A Criminalidade Urbana Violenta no Brasil: Um Recorte Temático. *BIB – Boletim Bibliográfico e Informativo em Ciências Sociais*, vol. 35, n. 1, pp. 3-24, 1<sup>o</sup>. semestre.

PINHEIRO, P. S. (ed) (1983), *Crime, Violência e Poder*”, SP: Brasiliense.

COELHO, C. E. (2005), “ A Criminalidade Urbana Violenta”, In, Coelho, C. E , *A Oficina do Diabo*, RJ, Record.

MARINHO, .R.K., COLLARES, M.C.A, VILELA, M E., PRATES, O.H., (2004) “A Violência, o Medo da Violência e o Desempenho Escolar” *Informativo*, Ano 03, número 06, set. Belo Horizonte: CRISP-UFMG.

COLLARES, M.C.A., VILELA, M.E., PRATES, O. H., MARINHO, L.R.K., (2004), “Uma análise ecológica da violência nas escolas de Belo Horizonte”, Miemo, Belo Horizonte, CRISP-UFMG.

### **Leituras de apoio**

GIDDENS, A, (2005) *Sociologia*. SP: Artmed.

BRYM, R. et alii,(2006) *Sociologia: Sua Bússola para o Novo Mundo*, SP: Thompson,( cap. 7)

TURNER, J. H. (1999). *Sociologia: Conceitos e Aplicações*. SP: Malcron Books

OLIVEIRA, Pécio Santos de. (2002). *Introdução à Sociologia*, São Paulo, Ática.

VILA NOVA, Sebastião. (2000). *Introdução à Sociologia*. 5<sup>a</sup>. edição, São Paulo, Atlas.